

ETNOZOOLOGIA NA COMUNIDADE BONFIM MUNICÍPIO DE ANGICOS - RN

Marta Gomes Câmara de Araújo (1); Daianete Nazaré Mourato Silva (1); Antônio Alcêu
Câmara Júnior (4)

(Universidade Federal Rural de Pernambuco, martacamara1@hotmail.com. Universidade Federal Rural de
Pernambuco, daianemourato@gmail.com Universidade Federal Rural de Pernambuco (UACSA),
alceujr@hotmail.com)

Resumo: A Etnobiologia é uma ciência que interliga a relação do homem aos recursos naturais. A Etnozootologia investiga a relação das culturas humanas com os animais. O trabalho teve como objetivo reconhecer como os caçadores da comunidade Bonfim, zona rural semiárida do município de Angicos/RN reconhecem essa relação e faz uso desses animais. Adotou-se uma amostragem quali-quantitativa, onde a técnica Snowball (Bola de Neve), assim como “turnês guiadas”, registros fotográficos e questionário semiestruturado colheram informações socioeconômicas e etnozoológicas. Foram mencionados 28 caçadores, destes, 14 foram entrevistados. Os entrevistados apresentaram faixa etária entre 21 e 30 anos, ensino fundamental incompleto, renda familiar entre 1 e 2 salários mínimos, aprenderam a caçar com amigos (42%), ainda repassam a prática da caça a terceiros (57%) e tem conhecimento de que a caça é crime ambiental (93%). No local, se destaca a caça de subsistência com 31%, seguido da comercial com 23% e medicinal com 21%. A caça de animais silvestres é reconhecida por 71% dos caçadores como prejudicial ao meio ambiente. A abordagem etnofaunística contabilizou 294 citações com riqueza de 70 espécies diferentes distribuídas em 28 ordens, 44 famílias e 58 espécies identificadas. O grupo mais procurado são os mamíferos, incluindo a família Dasypodidae (62%) de alto valor comercial. Os répteis formam os mais significativos do ponto de vista medicinal, sendo a banha, utilizada para uso tópico. O estudo de espécies capturadas viabiliza estratégias na proteção da fauna silvestre, sua utilização e principalmente uma abordagem reflexiva quanto ao impacto dessas práticas aos animais.

Palavras-chave: Caatinga, Caça, Angicos, Etnobiologia

Introdução

A relação do contato do homem com a natureza é histórica, e representa uma das mais importantes conexões da sociedade uma vez que dependem desse recurso para sobrevivência (BARBOSA e AGUIAR, 2015). A forte ligação do homem rural com os animais silvestres é cultural e passada de geração a geração, por isso estes animais fazem parte da vida dessa população das mais diferentes formas sendo a principal delas a subsistência (fonte de proteína), seguida de comercialização, criação e até lazer (SCHIAVETTI, 2010). A ameaça às áreas naturais tem aumentado significativamente e um dos atores principais dessa problemática é a ação antrópica com seus altos índices de degradação (aumento populacional desordenado, desmatamento, práticas agrícolas, implantação de pastagens, exploração dos recursos energéticos e minerais, caça predatória, comércio ilegal de animais silvestres, etc.) (OLIVEIRA, 2012).

(83) 3322.3222

contato@conadis.com.br

www.conadis.com.br

Sabe-se hoje que a Caatinga é um dos biomas mais ameaçados e degradados, calcula-se que 62% da sua área já foi degradada e que apenas 3,56% estão protegidas (OLIVEIRA 2012). A Lei brasileira proíbe interações entre homem x fauna sem autorização formal assim, diversas práticas tradicionais como a caça, captura, consumo, comércio e criação de animais silvestres ligados a estilos de vida e sociabilidades divergentes ao padrão estabelecido (RUAS *et. al.*2017).

A comunidade rural da caatinga continua a usufruir de seus recursos de maneira insustentável iniciando a guerra diária de todos os dias entre a degradação social, ocasionada pela falta de políticas públicas mais eficientes e a degradação ambiental face às necessidades básicas dessas comunidades (BRASILEIRO, 2009). A relação do homem com o ambiente se caracteriza por uma combinação de uso e conservação; a maneira como estes recursos vão ser utilizados seguem seus critérios pessoais, pois são várias as maneiras como as pessoas veem a mesma realidade interagindo de acordo com seus interesses necessidades e desejos (LUCENA, 2010). A grande retirada e utilização de animais silvestres na zona rural tem seguido esta filosofia, já que o homem rural, face as suas necessidades vê e interpreta o animal silvestre como uma alternativa de conseguir suprir suas necessidades de subsistência e alcançar seus desejos inda não realizados.

A caça trás inúmeras consequências ecológicas e comportamentais as espécies como a mudança de padrões comportamentais associados ao tamanho das populações, perda de processos ecológicos como dispersão de sementes, manutenção da heterogeneidade do microhabitat, perda de habitats reprodutivos e comprometimento da capacidade de suporte (TRAVASSOS, 2011; RUAS *et al.* 2017).

Publicações recentes têm demonstrado a importância e abrangência da utilização da fauna silvestre por populações rurais da Caatinga, principalmente em relação à caça de animais. Para essa população, a importância desse recurso é conferida pelo seu significado cultural e econômico, talvez por esta razão grande parte dos recursos naturais utilizados, principalmente os recursos faunísticos têm sido amplamente utilizados como alternativa na melhoria de suas condições de subsistência (NASSARO, 2011; BARBOSA e AGUIAR, 2015; SILVA, 2016; RUAS *et al.*2017).

Segundo o Plano Municipal de Saneamento Básico do município de Angicos (2011), a caatinga angicana conta atualmente com 50 (cinquenta) comunidades rurais, o que não a torna diferente das demais; o fator econômico associado ao baixo nível de instrução e a falta de oportunidade faz da Caatinga uma fonte de recursos importantes para a sobrevivência do

homem rural. Nesta perspectiva, este trabalho teve como objetivo realizar um levantamento a respeito das características de caça realizada pelos caçadores da comunidade Bonfim localizada na zona rural do Município de Angicos enfocando as espécies escolhidas à prática da caça, finalidade de uso, técnicas de caça e algumas questões socioeconômicas, buscando compreender melhor o grau de ameaça sobre essas espécies.

Metodologia

A pesquisa foi desenvolvida na comunidade Bonfim, situada na zona rural a 16 km do município de Angicos, constituído por 50 comunidades rurais. A comunidade é composta por famílias de pequenos agricultores rurais, que vivem da agricultura de subsistência.

O trabalho de campo foi realizado na comunidade Bonfim zona rural no município de Angicos. Nesse período, foram realizadas cinco visitas a área, sendo duas com duração de dois dias e três com duração de 10 horas. O local foi escolhido mediante constantes comentários da população a respeito da prática de caça na região, as diferentes utilizações dos animais silvestres e pela ausência de estudos dessa natureza para região.

Nas duas primeiras visitas ao local, buscou-se levantar informações dos moradores quanto à realização da atividade de caça na região e localização dos caçadores através de turnês guiadas (MARQUES, 1995) com um informante local da comunidade que serviu de guia na área estudada bem como nas atividades desenvolvidas servindo de aporte às informações recebidas pelos entrevistados. As cinco visitas posteriores limitou-se as entrevistas propriamente dita, utilizando-se as técnicas descritas por Pereira e Shiavetti (2010), denominada “bola de neve” a qual consiste em um entrevistado indicar mais dois outros entrevistados locais por ele reconhecidos como detentores do conhecimento encerrando-se quando nenhum outro for citado.

Os dados foram obtidos através de entrevistas utilizando um questionário semiestruturadas considerando as informações socioeconômicas dos caçadores (faixa etária, escolaridade, renda familiar, tempo na comunidade), bem como informações etnozoológicas referentes às suas práticas de caça, animais mais caçados, suas diferentes utilizações, reconhecimento da caça como uma atividade prejudicial à biodiversidade e crime ambiental.

Dos 28 caçadores indicados, apenas 16 residem na comunidade, destes, apenas 14 foram entrevistados, os demais encontraram-se ausentes no local durante as visitas. Segundo

relatos da comunidade, os 12 não entrevistados migraram para outras cidades em busca de novas oportunidades de emprego.

As espécies citadas foram separadas de acordo com seus grupos zoológicos e identificadas taxonomicamente. Para identificação das espécies por seus nomes vernáculos, foi construído um mosaico com fotos da fauna local da Caatinga a partir de trabalhos relacionados (BARBOSA e BARBOSA 2011; LUCENA, 2010; SILVA e FREIRE, 2009), o que possibilitou ao entrevistado o reconhecimento de algumas das espécies. A lista oficial de espécies ameaçadas de extinção do Ministério do Meio Ambiente também foi consultada.

Através dos resultados obtidos, foram realizadas análises quantitativas e qualitativas dos dados. Para a análise quantitativa, foi utilizado o software Excel assim como para a tabulação dos dados e cálculo de porcentagem simples.

Resultados e Discussão

Quanto à análise do perfil socioeconômico, a mesma demonstrou que dos 14 caçadores entrevistados na comunidade Bonfim 92% dos produtores é legalmente proprietário do imóvel e vive de uma agropecuária de subsistência nos moldes tradicionais.

A criação de animais silvestres também foi observada destacando-se a espécie *Eupharactus sexcinctus* (tatu peba) como a mais significativa totalizando 21,4%. Segundo Nassaro (2011), a pouca oferta de carnes de animais silvestres e o alto valor agregado a estas carnes é um atrativo a mais para captura criando um vínculo entre a caça e a facilidade de aproveitamento e retorno financeiro com esses recursos.

Dos entrevistados que praticam a caça na região, 100% foram do sexo masculino indicando que a prática de caça é uma atividade totalmente masculina, não havendo equilíbrio em nível de gênero para esta prática. Apenas um dos entrevistados citou a esposa, relatando que a mesma o acompanha sem praticar a atividade de caça, no entanto, trabalhos recentes demonstram uma interação maior do sexo feminino com a atividade de caça no meio rural semiárido (ALVES *et al.* 2012).

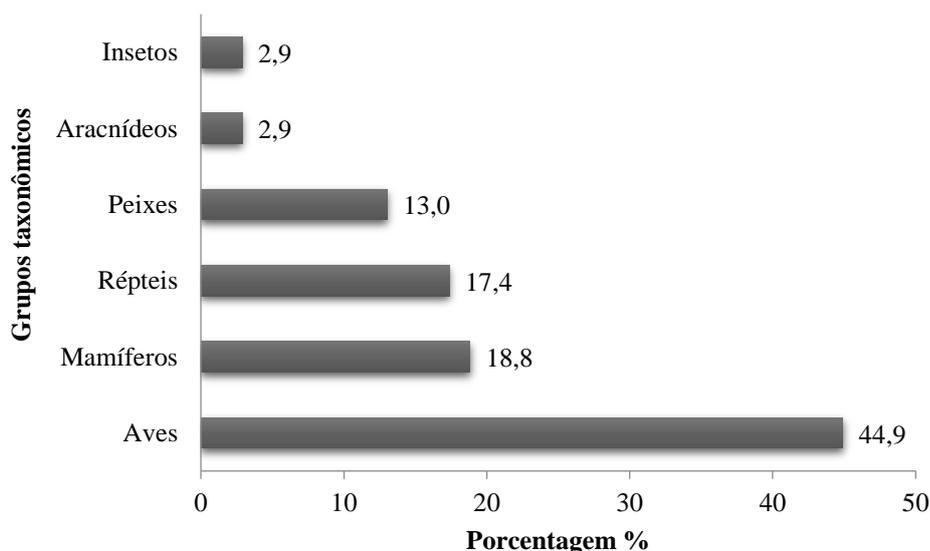
A maioria dos entrevistados são casados (43%), com idade entre 21 e 30 anos (42,9%), ensino fundamental incompleto (42,9%) e renda mensal variando entre 1 e 2 salários mínimos (57%). Alguns dos entrevistados alegaram exercer outras atividades profissionais como

pedreiro, eletricista, serviços gerais e a própria caça como fonte de renda extra, o que explica sua renda familiar ser superior a um salário mínimo, já que estudos (OLIVEIRA *et al.*, 2012; ALVES *et al.*, 2012) demonstram que a renda familiar é proporcional ao grau de instrução.

Aspectos socioeconômicos e ambientais são fatores que devem ser levados em consideração, visto que a má utilização dos recursos naturais na maioria dos relatos é fruto desta associação. A maioria dos caçadores iniciou seu processo de caça ainda na infância permanecendo até a fase adulta; segundo os mesmos, os principais responsáveis pelos ensinamentos das técnicas de caça foram os amigos com 42,9% e os pais com 28,6%. Quando questionados quanto a ensinar suas técnicas de caça, 57,1% disseram não repassar o que sabem, enquanto 42,9% disseram ensinar o que sabem a outros interessados.

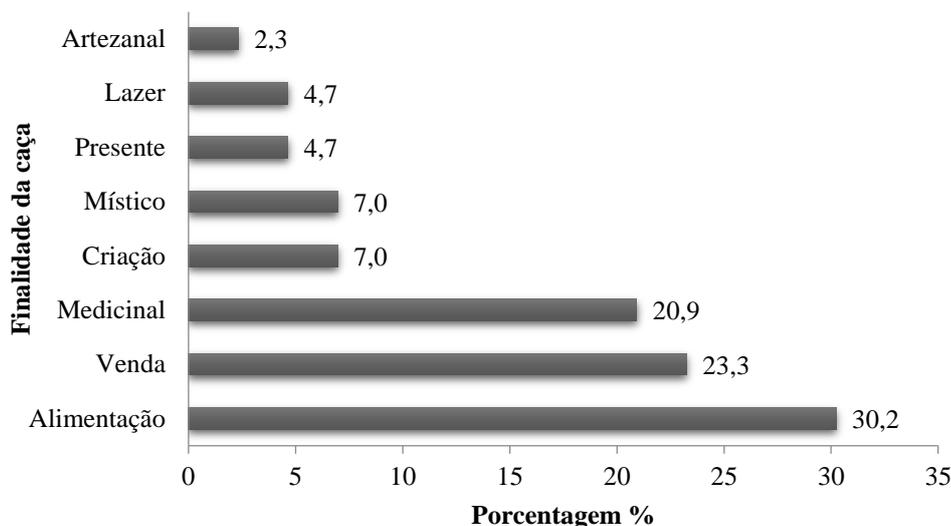
O resultado da abordagem etnofaunística contabilizou 294 citações, correspondendo a 70 etnoespécies diferentes, totalizando 28 ordens, 44 famílias e 58 espécies. As espécies citadas pelos caçadores como ocorrentes na comunidade foram agrupadas nos seguintes grupos zoológicos: Mamíferos (18,8%), Aves (44,9%), Répteis (17,4%), Peixes (13%), Aracnídeos (2,9%) e Insetos (2,9%) (Figura 1). Quanto às espécies caçadas na comunidade, apenas os grupos dos mamíferos foi mais expressivo (62,2%), seguido das aves (12,2%), peixes (13,%) e répteis (12,2%).

Figura 1 – Distribuição taxonômica dos animais citados pelos entrevistados na comunidade Bonfim.



Quanto as categoria de uso, as espécies caçadas destacaram-se quanto a oito utilizações: consumo (alimentar), comércio (venda), medicinal, criação, místico, presente, lazer e artesanal (Figura 2).

Figura 2 - Finalidades da caça cinegética na comunidade Bonfim.



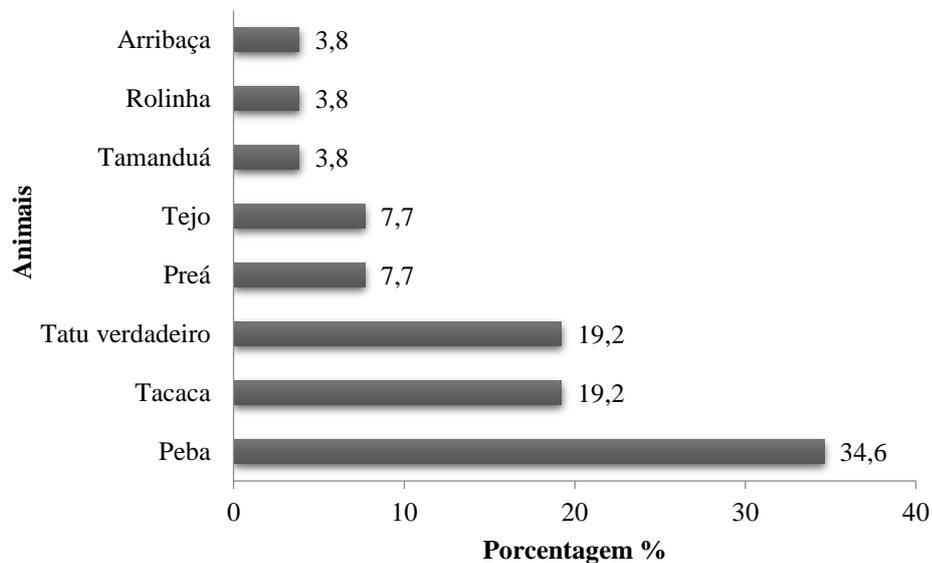
Quanto às técnicas de caça utilizadas e o estado da caça capturada (se filhotes, fêmeas ou machos), os resultados demonstraram que 71,4% praticam a técnica da caça com cachorro e 35,7% a técnica com espingarda, esta utilizada apenas para o grupo das aves. A caça com cachorro é bastante difundida em outras regiões do Brasil e consiste na utilização de cães para localizar, perseguir, acuar e até matar a caça.

A caça é realizada preferencialmente à noite (85,7%) com buscas de até seis horas. Quanto ao estado da caça, 50% disseram não matar filhotes ou animais jovens e 57,1% fêmeas grávidas; os machos são frequentemente abatidos durante a caça o que gera um dado preocupante já que a caça seletiva pode reduzir a taxa de crescimento populacional. As respostas encontradas para estes questionamentos se contradiz quando comparada a técnica de caça utilizada, na qual muitas vezes a caça é morta antes do caçador chegar até ela.

A prática da caça foi considerada uma atividade rotineira na comunidade, a mesma é realizada de uma a duas vezes por semana por cerca de 35,7% dos caçadores entrevistados. Em cada caçada, 42,9% dos caçadores abatem de 2 a 3 animais, sendo retirado da natureza semanalmente por 42,9% dos caçadores de 4 a 6 animais.

Os animais mais caçados na comunidade pertencem às famílias Dasypodidae (34,6%) (peba e tatu verdadeiro), Mustelidae (tacaca), Carviidae (preá), Teiidae (Tejo), Myrmecophagidae (tamanduá) e Columbridae (rolinha e arribaçã).

Figura 3 – Caças cinegéticas mais citadas pelos caçadores da comunidade Bonfim,



A caça preferida dos caçadores é o tatu verdadeiro com 46,7%, seguido da tacaca (20%), lambu (13,3%), peba (6,7%), arribaça (6,7%) e tejo (6,7%). A preferência dar-se pelo seu sabor agradável e pelo seu alto valor comercial.

Segundo Medri (2008), existem mais de 21 espécies da família *Dasyopodidae*, e destas, 11 ocorrem no Brasil. Ainda segundo a autora, os tatus possuem hábito diurno escondendo-se durante a noite, talvez por esta razão, os tatus principalmente a espécie *Eupharactus sexcinctus* (peba) seja tão facilmente caçado e utilizado pela comunidade para alimentação e venda, indicando que sua distribuição na região ainda é ampla.

Em contrapartida a esta preferência, o tatu verdadeiro é considerado pelos caçadores um dos animais mais raros na região juntamente com o tamanduá, canário e preá. O uso de armadilhas não foi mencionado para a comunidade Bonfim, no entanto os caçadores admitiram fazer uso de ferramentas durante a caça como pá, enxada, enxadeco, luvas e sacos chamados de tatuzeira para armazenar a caça.

Os mamíferos receberam o segundo lugar no grupo de espécies conhecidas com 18,8%, porém entre as categorias de valor de uso, os mamíferos apareceram em primeiro lugar destacando-se com sete das oito categorias de uso estabelecidas. A alimentação foi à categoria mais expressiva (61,5%), seguido da venda (46%) e criação (15,4%), as demais (medicinal, místico, presente e artesanal) tiveram uma representatividade inferior com apenas 7,7% respectivamente.

Os animais com propriedades medicinais citados pelos caçadores pertencem a oito táxons sendo 1 mamífero (Canidae), 5 répteis (Teiidae, Testudines, Viperidae, Iguanidae e Boidae), 1 peixe (Erythrinidae) e 1 inseto dos quais os répteis (Squamata) são os mais expressivos. Para os répteis foram citadas 12 etnoespécies distribuídas taxonomicamente em duas Ordens (Squamata e Chelidae) e oito famílias (Colubridae, Dipsodidae, Viperidae, Boidae, Iguanidae, Teiidae, Chelidae e Elapidae). A ordem Squamata foi a mais representativa com 83,3% das espécies.

Conclusões

Os resultados demonstraram que grande parte da prática de caça na comunidade Bonfim ocorre sem nenhum parâmetro de sustentabilidade. Notou-se também que a exploração desses recursos pela parcela entrevistada está intimamente ligada às questões socioculturais apresentadas pelos caçadores, como baixo índice de escolaridade e salarial.

Apesar das caças, em sua maioria, serem usadas para subsistência, ficou nítido a intenção comercial conferida a algumas das espécies capturadas, principalmente pela frequência com que ocorrem.

Através do levantamento etnozoológico, tornou-se possível fazer um levantamento preliminar das espécies existentes na região e assim entender melhor a utilização das mesmas pela comunidade.

Entre os vertebrados, as aves foram às espécies mais conhecidas quanto às etnoespécies citadas, no entanto, os mamíferos foram o grupo mais significativo do ponto de vista alimentar, destacando-se o tatu peba como o mais caçado na região e o tatu verdadeiro como o mais raro e economicamente viável.

O estudo etnozoológico identificou várias espécies como sendo de importância medicinal, contabilizando mais de seis indicações de uso. Os répteis foram o grupo mais significativo do ponto de vista medicinal, no entanto, os ofídios foram o grupo mais temido, estando à cascavel e a jararaca entre as espécies mais predadas na região.

Fica evidente neste estudo a riqueza de espécies e suas utilizações pela comunidade, tornando-se necessário intensificar atividades de âmbito educacional para só assim tentar mitigar a problemática da degradação faunística ocorrente no local.

Referências

ALVES, Rômulo Romeu Nóbrega, GONÇALVES, Maria Betânia Ribeiro, VIEIRA, Washington Luis Silva. Caça, uso e conservação de vertebrados no Semiárido brasileiro. **Mongabay.com Open Access Journal - Tropical Conservation Science** Vol.5 (3):394-416, 2012.

BARBOSA, José Aécio Alves, AGUIAR, José Otávio. Conhecimentos e usos da fauna por caçadores no semiárido brasileiro: um estudo de caso no estado da Paraíba, Nordeste do Brasil. **Biotemas**, 28 (2): 137-148, junho de 2015.

BARBOSA, José Aécio Alves; NOBREGA, Verusca Azevedo; ALVES, Rômulo Romeu da Nóbrega. Aspectos da caça e comércio ilegal da avifauna silvestre por populações tradicionais do semiárido paraibano. **Revista de Biologia e Ciências da Terra**, Brasil, v. 10, n. 2, p. 39-49, 2º Semestre. 2010.

BARBOSA, José Aécio Alves; BARBOSA Raynara Karenina Veríssimo Correia. Percepção de moradores do semiárido paraibano sobre a diversidade e relevância da fauna em duas comunidades rurais. **Revista de Biologia e Ciências da Terra**, Brasil, v. 11, n. 1, p. 123 – 133, set. 2011.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. 2003. **Lista Nacional das Espécies da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção**. Brasília. Instrução Normativa nº 003, de 26 de maio de 2003.

BRASILEIRO, Robson S. Alternativas de desenvolvimento sustentável no semiárido nordestino. **Scientia Plena**, Recife, v.5, n.5, p. 1-12, Maio. 2009.

LUCENA, Mírcia Mária Araújo. **Percepção ambiental por uma comunidade rural do entorno de uma reserva particular do patrimônio natural (RPPN), semiárido brasileiro**. 2010. 64f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente) Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal 2010.

MARQUES, José Geraldo Wanderley. **Pescando pescadores: etnoecologia abrangente no baixo São francisco**. Universidade Federal de Campinas, Campinas, 285p. 1995.

(83) 3322.3222

contato@conadis.com.br

www.conadis.com.br

MEDRI, Isis Meri. **Ecologia e História Natural do tatu-peba, *Euphoractus sexcinctus* (Linnaeu, 1758), no Pantanal da Nhecolândia, Mato Grosso do Sul.** 2008. 167f. Tese (Doutorado em Ecologia) Universidade de Brasília. Brasília. 2008.

NASSARO, Adilson Luís Franco. Evolução do aparato normativo de proteção à fauna diante dos atos de caça no Brasil. **Tempos Históricos**, v.15, p. 15-44, 2º semestre 2011.

OLIVEIRA, Rivanildo Ricarte de; BARROS, José Deomar de Souza; SILVA, Maria de Fátima Pereira da. Desertificação e degradação ambiental: percepção dos agricultores no município de Cachoeira dos Índios/PB. **Polemica**, Brasil, v.11, n. 2, p. 244-251, Abr/Jun. 2012.

PEREIRA, Jussara Paula Resende; SCHIAVETTI, Alexandre. Conhecimento e usos da fauna cinegética pelos caçadores indígenas “Tupinambá de Oliveira” (Bahia). **Biota Neotropica**, Brasil, v.10, n.1. 2010.

Plano Municipal de Saneamento Básico – Município de Angicos/RN. **Elaboração do Plano de Saneamento Básico de Abastecimento de Água e esgotamento Sanitário para o Município de Angicos.** Lei nº 11.445 de 5 de janeiro de 2007. Julho 2011.

RUAS, R. M. S.; GUERRA, G. A. D.; LOPES, C. T. A.; DOMINGUES, S. F. S. Caça, captura e uso da fauna silvestre no Brasil como crimes ambientais e tabu científico: reflexões sobre categorias teóricas. **Holos**, Ano 33, v.05. 2017.

SILVA, Tiago Rosário da. A Etnobiologia utilizada como ferramenta para a prática da Educação Ambiental. **REVISEA – Revista Sergipana de educação Ambiental** São Cristóvão – SE. V.1, N 13, 2016.

SILVA, Thaise Souza da.; FREIRE, Elisa Maria Xavier. **Fauna e flora da Estação Ecológica do Seridó, Rio Grande do Norte:** percepções e usos pelas comunidades do seu entorno. 2009. P.85-129. In: FREIRE, Maria Xavier. Recursos Naturais da caatinga: Uma visão multidisciplinar. Ed. EDUFRN, 2009. 240p.

TRAVASSOS, Leandro. Impacto da sobrecaça em populações de mamíferos e suas interações ecológicas nas florestas neotropicais. **Oecologia Australis** Brasil, v.15, n .2, p. 380-411. Jun. 2011.